

# Cinismo e ato falho no discurso político-midiático

Aracy Graça Ernst<sup>1</sup>

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil

"Infelizmente nada é tão azul no nosso Brasil. Vivemos tempos sombrios!"  
Raduan Nassar

**Resumo:** Diante do quadro nefasto da política brasileira, coloca-se o desafio de descrever e interpretar enunciados político-midiáticos que circulam na sociedade com vistas à compreensão de seu modo próprio de dizer em que a falsificação da palavra – com a consequente sonegação ou alijamento da verdade – através do cinismo, desvela-se no ato falho. Parto, portanto, da premissa de que o dizer político-midiático, em sua forma cínica atual, caracteriza-se pelo "mentir sob o disfarce da verdade" (ŽIŽEK, 1996, p. 14) que, no entanto, mediante a substituição, desvio, inversão ou omissão de significantes, processos característicos do ato falho em que o inconsciente realiza uma fratura no dizer, produz-se discursivamente, de forma inesperada e aparentemente estranha, aquilo que se desejaria esconder.

**Palavras-chave:** Discurso; Ato falho; Cinismo; Mídia; Política.

**Title:** Cynicism and Freudian slip in mediatic/political discourse

**Abstract:** In view of the present nefarious Picture of Brazilian politics, the description and the interpretation of mediatic and political statements that circulate in society arise as a challenge to comprehend how word falsification – with its consequent truth denial or dumping – by means of cynicism, is unveiled as a Freudian slip. Therefore, I start from the assumption that the mediatic/political discourse, in its present cynical format, is characterized by "to lie beneath the truth mask" (ŽIŽEK, 1996, p. 14), which, however, through the substitution, deviance, inversion or omission of significance, as processes that characterize the Freudian slip, in which the unconscious performs a fracture in the speech is produced discursively in an unexpected and apparently quaint way, that would be supposedly hidden.

**Keywords:** Discourse; Freudian slip; Cynicism; Media; Politics.

Primeiramente, devo dizer que, neste trabalho, o estatuto de objetividade e neutralidade, característico de uma concepção positivista e cartesiana de ciência é renegado. À regulação, administração e domesticação dos objetos e das práticas analíticas, seu *modus operandi*, opomos o fato de que a ideologia e o inconsciente afetam também os gestos de interpretação do analista. Há, portanto, a admissão da subjetividade e a assunção predominantemente política neste trabalho, dada a própria natureza da disciplina que lhe

---

<sup>1</sup> Doutorado em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

E-mail: [aracyep@gmail.com](mailto:aracyep@gmail.com)

serve de sustentação, a Análise de Discurso de filiação pècheuxtiana, cuja prática teórico-analítica é indissociavelmente política

Dito isso, retomo o epíteto deste artigo, um enunciado de Raduan Nassar, escritor brasileiro, vencedor do Prêmio Camões de Literatura, produzido na solenidade de entrega do prêmio no Museu Lasar Segall em São Paulo em fevereiro de 2017: "Infelizmente nada é tão azul no nosso Brasil. Vivemos tempos sombrios!" Esse enunciado encontra-se inserido na crítica, feita pelo escritor, ao governo Michel Temer e refere-se às soturnas mazelas políticas e econômicas que o país enfrenta neste momento histórico, marcado pela violência nas ruas contra manifestações de oposição democrática e nas redes sociais, pelo surgimento e expansão do discurso fascista, pelos descabros da Lava Jato que violam a constituição, pela aprovação da PEC 55, pela reforma trabalhista, pela cultura do ódio e da mentira veiculada pelos meios de comunicação, enfim, trata-se, sem dúvida alguma, de um governo, como diz Raduan, repressor contra os trabalhadores, contra as aposentadorias, contra as instituições federais de ensino superior ..., um governo atrelado ao neoliberalismo e a sua "escandalosa" concentração de riqueza. É um momento trágico em que a democracia é golpeada pelos poderes da República e pela grande mídia nacional.

Diante desse quadro nefasto, coloca-se o desafio, para os analistas de discurso, de descrever e interpretar enunciados político-midiáticos que circulam na sociedade brasileira contemporânea com vistas à compreensão de seu modo próprio de dizer em que a falsificação da palavra – com a consequente sonegação ou alijamento da verdade – através do cinismo, desvela-se no ato falho. Parto, portanto, da premissa de que o dizer político-midiático, em sua forma cínica atual, caracteriza-se pelo "mentir sob o disfarce da verdade" (ŽIŽEK, 1996, p. 14) que, no entanto, mediante a substituição, desvio, inversão ou omissão de significantes, processos característicos do ato falho em que o inconsciente realiza uma fratura no dizer, produz-se discursivamente, de forma inesperada e aparentemente estranha, aquilo que se desejaria esconder.

Está-se, portanto, na presença de uma outra fala que se manifesta à revelia do sujeito, de um Outro que habita um mesmo porta-voz e denuncia a verdade do inconsciente em face da mentira construída discursivamente, no caso, pelos enunciados cínicos. Sua ocorrência não deve ser considerada um erro, uma apraxia ou agnosia, ou ainda, uma produção individual, consequência de um desacerto neuronal, como nos fala o psicanalista Dunker (2018), na série "Falando nlso" no Youtube, mas uma das manifestações do inconsciente, que está na dependência do Outro. Segundo esse autor, o ato falho é um processo social na medida em que, para que ocorra é necessário a presença de um outro que devolva a mensagem ao enunciador de maneira invertida, isto é, como referida a sua posição enquanto sujeito. Diz, além disso, que o fato de enunciar algo distinto do pretendido, muitas vezes, só se dá a conhecer pela reação do interlocutor, cedendo lugar à perplexidade e, às vezes, à irritação e levando o sujeito a se questionar sobre a razão desse fenômeno: por que eu disse isso?, no desconhecimento do outro que o habita e que quebra a linearidade de seu dizer, expondo a verdade que não poderia nem deveria ser dita.

A essa verdade do inconsciente pode agregar-se, sob meu ponto de vista, a "verdade" da ideologia que não é transparente; ao contrário, é oculta até para poder fazer funcionar sua lógica de legitimação da relação de dominação que a sustenta. (cf. ŽIŽEK, 1996). Quando, por exemplo, depois das eleições de 2014, o então candidato à Presidência da República derrotado, Aécio Neves diz em entrevista a uma emissora mineira e à Rádio Gaúcha (Rede Brasil Atual, 2015): "O que nós temos consciência clara, nós do PSDB: somos o principal partido de oposição ao Brasil", revela-se, através do ato falho, a "verdade", o que é próprio de sua formação discursiva, ligada ao poderio da economia política neoliberal. A substituição da preposição "do" pela preposição "ao" faz emergir a posição-sujeito sob a forma de engano, de lapso, de "erro" e contrasta com a posição presente em enunciados cínicos como o seguinte: " ... considero que a maior de todas as prioridades deve ser unir o Brasil em torno de um projeto honrado e que dignifique a todos os brasileiros ...", dito pelo candidato na mesma época. Tendo dividido o país, compactuado com outras forças políticas e econômicas e iniciado o processo do impeachment da Presidente Dilma, seu discurso produz a adulteração da palavra, cuja consequência é o efeito de alheamento de sua filiação ideológica originária.

Diz-nos Pêcheux (1990, p. 57), em "Discurso. Estrutura ou acontecimento", que a posição de trabalho em referência à Análise de Discurso supõe que,

através das descrições regulares de montagens discursivas, se possam detectar os momentos de interpretação enquanto atos que surgem como tomadas de posição, reconhecidas como tais, isto é, como efeitos de identificação assumidos e não negados.

O problema do cinismo é que as tomadas de posição pelo sujeito não se constituem em efeitos de identificação assumidos e não negados, mas em tomadas de posição cujos efeitos de identificação são assumidos aparentemente e negados na prática. O sujeito cínico não acredita no que diz, considera a inutilidade das proposições ideológicas universais e consequentemente produz a falsificação da palavra.

Estamos, pois, submetidos à ideologia cínica que permeia o discurso político-midiático e se caracteriza pela perversão e pelo logro. Para Žižek (1996, p. 14),

... com desconcertante franqueza "admite-se tudo", mas esse pleno reconhecimento de nossos interesses não nos impede, de maneira alguma, de persegui-los; a fórmula do cinismo já não é o clássico enunciado marxista do "eles não sabem, mas é o que estão fazendo"; agora, é "eles sabem muito bem o que estão fazendo, mas fazem assim mesmo".

É importante dizer que Pêcheux (1988) aventa a possibilidade de o sujeito ou se submeter ao processo significativo de interpelação-identificação ideológica ("a estupidez") ou apreendê-lo por meio de sua agudeza de espírito ("a ironia"). Diz o autor que a maioria

das brincadeiras, anedotas, ironia, etc. são sintomas dessa apreensão. No momento atual, entretanto, essa apreensão pelo sujeito do processo significativa de interpelação-identificação ideológica parece justificar-se racionalmente.

A esse respeito, é preciso retomar, dada a sua importância, a noção de ideologia. A ideologia não é uma falsa consciência, uma representação ilusória da realidade. Segundo Žižek (1996, p. 306),

... uma ideologia não é necessariamente "falsa": quanto ao seu conteúdo positivo, ela pode ser "verdadeira", muito precisa, pois o que realmente importa não é o conteúdo afirmado como tal, mas *o modo como esse conteúdo se relaciona com a postura subjetiva envolvida em seu próprio processo de enunciação*.

Segundo o autor, o espaço ideológico enquanto tal se estabelece, quando o conteúdo ("verdadeiro" ou "falso") – se "verdadeiro", melhor para o efeito ideológico – é funcional no que diz respeito a alguma relação de dominação social intrinsecamente não transparente, isto é, tem que se reconhecer que é muito fácil *mentir sob o disfarce da verdade* e seu modo mais acentuado atualmente é o cinismo (cf. ŽIŽEK, 1996, p. 14).

Na esteira do que diz Žižek (1996), defendo que o espaço de anomia – a ausência de regras e normas – que se instaurou na sociedade brasileira na esfera política, na jurídica e na midiática (a grande mídia e as redes sociais em particular), nos dois últimos anos, está subvertendo o enunciado bíblico tomado por Marx como mote para a experiência ideológica. Como afirma o autor, passamos da célebre formulação "eles não sabem o que fazem" para "eles sabem muito bem o que fazem, mas mesmo assim o fazem".

Proponho, como vários autores o fazem, pensar que compreender o funcionamento da sociedade contemporânea implica considerar necessariamente o caráter cínico de seu funcionamento. No cinismo (*cynicism*), embora o sujeito tenha perfeito conhecimento da distância existente entre a máscara ideológica e a realidade social, ele insiste no uso da máscara. Em outras palavras: não há mais ingenuidade, pois o sujeito tem plena ciência dos interesses subjacentes a uma universalidade ideológica, mas não abdica de seus pressupostos.

É interessante distinguir essa postura cínica – *cynicism* – do que Sloterdijk (2012) chama de cinismo – *kynicism* –. O cinismo (*kynicism*) diz respeito à recusa pelo povo da cultura oficial através da ironia e do sarcasmo, expondo-a ao ridículo. Ao tom grave e solene da ideologia oficial, sobrepõe-se a banalidade cotidiana com o fito de dar visibilidade aos interesses egoístas, à violência e às reivindicações brutais do poder (cf. ŽIŽEK, 1996). É o que se pode observar, por exemplo, na charge a seguir, de autoria do cartunista Laerte, que relaciona o golpe de 2016 ao golpe de 1964:

Figura 1 – Exemplo de *kynicism*

Fonte: LAERTE, Coutinho. Olha mãe. *Revista GGN*. Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/>>. Acesso em junho de 2017

A partir do fato de a personagem da charge estar pedalando, temos referência às ditas pedaladas fiscais que serviram de mote para o impeachment da Presidenta Dilma; a vestimenta da personagem – o terno – própria de deputados, senadores, procuradores, ministros, enfim daqueles que exercem o poder, encontra-se em possível desacordo com o veículo bicicleta no contexto brasileiro, mas de acordo com as funções desempenhada pelos mandantes do golpe de 2016. Esse possível estranhamento, assim como o estranhamento de a bicicleta ser montada com a palavra "golpe" e também o estranhamento de o personagem usar uma linguagem infantilizada constitui-se num dos mecanismos de que os humoristas se valem para desconstruir o instituído. A tais aspectos imagéticos, agrega-se a materialidade linguística do enunciado "Olha, mãe! ... sem militares!" o que, através da memória do dizer, remete não só para a linguagem infantil típica das crianças, quando estão aprendendo a andar de bicicleta, mas possivelmente também para a concepção de pátria ("mãe gentil"). Em concerto, as duas materialidades, verbal e imagética, cumprem a função enunciativa de expor a hegemonia política e ideológica e também midiática envolvida na deslegitimação e derrubada do governo da presidente Dilma Roussef com uma autonomia que prescinde do uso das forças armadas. Assim, à emancipação da criança que ergue os braços para mostrar sua habilidade e segurança ao dirigir a bicicleta, na charge em questão, corresponde a autonomia, o poder e o controle da elite dominante.

Esse método, considerado por Žižek (1996), mais pragmático do que argumentativo, pode ser cogitado, todavia, como uma forma de resistência ao poder instituído, uma tomada de posição determinada por "uma agudeza de "espírito"" que apreende o processo

significante da interpelação-identificação ideológica. Como nos diz Pêcheux (1988, p. 156), "um grande número de brincadeiras, anedotas, etc., são de fato, regidas pela contradição inerente entre a estranheza familiar de um fora situado antes e o sujeito identificável, responsável por seus atos".

Já a postura cínica (cynicism), como o discurso da cultura dominante, reconhece os interesses particulares por trás da universalidade ideológica, mas continua a achar motivos para permanecer com a máscara. O autor diz:

Esse cinismo não é uma postura direta de imoralidade; mais parece a própria moral posta a serviço da imoralidade – o modelo da sabedoria cínica é conceber a probidade e a integridade como uma forma suprema de desonestidade, a moral como uma forma suprema de depravação, e a verdade como a forma mais eficaz da mentira. (ŽIŽEK, 1996, p. 313)

Para ele, esse cinismo é uma espécie perversa "de negação da negação" da ideologia oficial:

confrontada com o enriquecimento ilícito, com o roubo, a reação cínica consiste em dizer que o enriquecimento lícito é muito mais eficaz e, além disso, é protegido por lei. Como disse Bertolt Brecht na Ópera dos três vinténs, " que é o roubo de um banco, comparado à fundação de um banco?". (ŽIŽEK, 1996, p. 313)

Aqui o autor, partindo de Adorno, para quem a ideologia é um sistema que reivindica a verdade, diz que a ideologia não é simplesmente uma mentira, mas uma mentira vivenciada como verdade, uma mentira que pretende ser levada a sério. Penso que é assim que o sistema neoliberal funciona. Quer fazer crer, por exemplo, que a reforma previdenciária e a trabalhista no Brasil irão beneficiar a classe trabalhadora. Os argumentos utilizados são os seguintes: a reforma previdenciária é necessária porque há um rombo de 2,7% do PIB, os brasileiros estão vivendo mais e os jovens que sustentam o regime estão diminuindo; por isso, os brasileiros terão de trabalhar 40 anos para poderem se aposentar. Quanto à reforma trabalhista, os argumentos apresentados, de maneira geral, são: fomentar o mercado de trabalho estagnado pela recessão, adequar a legislação trabalhista que está carente de modernização e adaptar a atual ordem econômica e social às condições que o país atravessa. Entre as medidas propostas, tem-se a ampliação do prazo dos contratos temporários de trabalho e a flexibilização do horário do almoço. Há também a reforma do "novo" ensino médio, cuja propaganda nas redes televisivas tenta positivá-la através de argumentos como a possibilidade de escolha de disciplinas pelos alunos e o acesso ao ensino técnico. Entretanto, a inclusão do ensino profissionalizante fará com que os jovens com menor renda sejam conduzidos a carreiras de subempregos, e os mais favorecidos

economicamente poderão focalizar seus estudos nas áreas que desejam, isto é, aprofundam-se as diferenças entre as classes sociais. Mas é claro que isso não é dito, o que é dito são os pretensos "benefícios" das ditas reformas. Sabe-se, entretanto, com Pêcheux (1988), que toda a evidência precisa ser questionada, pois é ela um efeito ideológico e, como tal, apaga alguma coisa, e o que essas medidas apagam são os interesses neoliberais tentaculares que as constituem e que se espraiam por toda a sociedade, tendo na grande mídia sua maior aliada. Jornalistas travestidos de especialistas em política e economia ditam, em seus programas televisivos, as "receitas" para um Brasil melhor; na verdade, montam uma farsa que poderá se tornar (ou já está se tornando) uma tragédia. Mas a questão que retomo é a seguinte: eles não sabem que defendem os interesses da elite brasileira e os tomam inconscientemente como verdades? Ou eles sabem que defendem interesses que prejudicam o povo brasileiro e, mesmo assim, continuam a fazê-lo, vivenciando mentiras como verdades?

Para pensar sobre esse ponto, trago um caso específico de uma notícia do dia 7 de abril de 2017 que abriu os comentários econômicos da jornalista e comentarista da Globo News, Thaís Herédia: "recessão e desemprego derrubam inflação e devolvem o poder de compra aos brasileiros".

Figura 2 – Notícia dada pela jornalista Thaís Herédia



Fonte: Diário do Centro do Mundo. Comentarista da Globo demitida sem aviso prévio dizia que a reforma trabalhista "melhoraria a relação entre funcionários e empregadores". Disponível em: <<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/>>. Acesso em 03 mar. de 2018

Mesmo numa leitura inadvertida, percebe-se de imediato uma contradição: como o poder de compra foi devolvido aos brasileiros se a recessão e o desemprego alastram-se através das ações político-econômicas do atual governo? É notório que as consequências da recessão e do desemprego são desastrosas para a sociedade e diminuem consideravelmente o poder de compra da população e não o contrário. Apaga-se do enunciado o fato incontestável que a inflação cai com a retração da procura de gêneros de consumo diário,

bens e serviços; a não ser que, como no letreiro da Globonews, acredite-se que quanto maior o desemprego e a recessão, maior o crescimento do poder de compra. Como então compreender a pretensa volta do poder de compra dos brasileiros?

O letreiro é uma verdade impensada? Um lapso? Um ato falho? Na perspectiva psicanalítica, tais fatos não são arbitrários, mas sim interferências do inconsciente. Portanto, o discurso nunca possui uma só dimensão. Um lapso, um ato falho são sinais de que um discurso Outro pode usar o mesmo porta-voz de forma simultânea, como já apresentado anteriormente. A psicanálise diz que as palavras truncadas, murmuradas, ditas sem intenção, escapadas originam-se de alguma instância que não a do eu, isto é, originam-se do inconsciente: "o inconsciente é o discurso do Outro". Esses elementos intrusos que causam "estranhamento" são, via de regra, tidos como aleatórios e, portanto, desconsiderados. As pessoas que cometem tais "falhas" acreditam que apenas se enganaram e, na maioria das vezes, dizem que cometeram um erro sem sentido, por acaso, que não entenderam como aconteceu. Freud, no entanto, objetaria, dizendo: "A verdade falou". Assim, o processo metafórico envolvido na substituição de significantes no enunciado analisado, uma das formas de produção de sentidos do ato falho – "devolvem o poder de compra aos brasileiros" ao invés de "retiram ou usurpam o poder de compra dos brasileiros" – situa-se, segundo a psicanálise, numa lógica identificável nessas manifestações; não é, pois, fruto do acaso, mas do Outro da linguagem ou do Outro como linguagem (cf. FINK, 1998, p. 21).

O discurso da jornalista de economia da Globo News insere-se na formação ideológica da grande mídia que funda o golpe em conluio com o Ministério Público Federal, com o Legislativo e o próprio Judiciário, cujo objetivo era (e é) provocar a derrocada da soberania nacional, apoiando o governo ilegítimo de Michel Temer. Mas os pressupostos e as ações dessa formação ideológica precisam criar evidências que mostrem sua justeza e correção frente ao que vem acontecendo. Uma das formas é se utilizarem de um fato que seria indiscutivelmente positivo numa economia em ascensão, como a queda da inflação – mas não o é no contexto brasileiro atual –, subtraindo o fato de que ela resulta da recessão e do desemprego em uma economia em declínio e não de supostas medidas governamentais que teriam como objetivo derrubá-la. A omissão desse fato e de significantes que poderiam, ou melhor, que deveriam aparecer materializando a verdade no enunciado, qual seja, a inflação numa economia em ascendência é diferente da inflação em uma economia em declínio como a brasileira, produz um discurso cínico que não se mantém. É, portanto, uma mentira com aparência de verdade.

Dada a situação de prejuízo político, social e econômico em que nos encontramos e com os índices das pesquisas de voto para as eleições de 2018 em que o ex-presidente Lula lidera o *ranking* estatístico, a Globo e outras emissoras (até porque também receberam verbas significativas do governo federal) necessitam mostrar que o *impeachment* está sanando as contas públicas e devolvendo ao povo seu poder aquisitivo. O discurso da jornalista em questão filia-se a essa formação e, na verdade, não ocorre um erro, mas um acerto. O ato falho foi sem querer (conscientemente falando), mas concomitantemente foi

querendo. Tão submetido à ideologia do capital, o seu discurso apresenta o verbo "devolver" – "devolvem o poder de compra aos brasileiros", e não, por exemplo, "retiram" ou "usurpam", verbos cujos sentidos consentâneos com a verdade, pertenceria a outra FD. A enunciadora não percebe e não sabe justificar o teor do enunciado, pois é da ordem do inconsciente. Isso está bem claro na carta que publicou no Twitter no dia 9 de abril, desculpando-se pela análise que fez sobre a economia brasileira, transcrita pelo SINTRAM, Sindicato dos Trabalhadores Municipais de Divinópolis e Região Centro Oeste de Minas Gerais:

*Admito, a sensação após um erro incompreensível não é das melhores. Logo de imediato, você até fica se perguntando o que pode ter acontecido na tentativa de encontrar uma desculpa, mas a verdade é que de nada adianta nutrir desespero pelo leite derramado. E então o tempo passa". diz a carta.*

*"Indo direto ao ponto, não resta dúvida, errei e errei feio. Sabe-se lá por qual motivo, encaminhei uma sugestão de legenda equivocada para ilustrar meu comentário na televisão. Legenda essa, aliás, que não fazia o menor sentido com a minha própria fala", afirma a jornalista.*

*"Sim, errei. Agora, só me resta pedir desculpas e seguir em frente", finalizou Thais na carta.*

O ato falho não encontra explicação, pois diz respeito ao fracasso da palavra em relação ao sujeito. Ela "erra o alvo", como nos diz Freud, mas assinala a revelação de um desejo inconsciente ao mesmo tempo que atesta um inconsciente estruturado como linguagem. De que ordem é a contradição presente no enunciado "Recessão e desemprego derrubam inflação e devolvem o poder de compra dos brasileiros"? Qual a "verdade" que surge? O que não poderia ser dito e o foi? Há dois processos em jogo no enunciado: na primeira parte – "Recessão e desemprego derrubam inflação ..." – tem-se a omissão de significantes que poderiam produzir o efeito de verdade relativo ao fato de que a queda da inflação deve-se à queda do consumo; na segunda parte – "... e devolvem poder de compra aos brasileiros.", há a substituição de significantes – "devolvem" por "retiram" – cujo processo metafórico coloca em jogo duas formações discursivas antagônicas: a formação discursiva governamental ligada ao neoliberalismo, assumida também pela mídia, e uma formação discursiva contestatória ligada à crítica a essa doutrina que defende a não participação do estado na economia, causando prejuízos substanciais à sociedade como: insegurança e desigualdade econômica crescentes, desemprego e perda de valores e ideais políticos. Assim, supõe-se que uma formulação parafrástica possível poderia ser: "A crise econômica derruba inflação e a recessão e o desemprego retiram o poder de compra dos brasileiros", mas isso é outra história que diria respeito a uma formação discursiva anti-governamental, antimidiática e antiimpeachment: a formação discursiva contestatória ou crítica de que falei anteriormente.

Isso permite pensar que esses atos falhos, consideradas as condições de produção e as redes de memória que constituem o discurso jornalístico televisivo, fazem sobressair o

seu eixo principal de construção: a proscrição do discurso que lhe é antagônico. A máxima psicanalítica "o inconsciente é o discurso do Outro" é materialmente exposta. O Outro do discurso da elite, da classe dominante, tornou-se desejo e encarnou-se na voz de um de seus porta-vozes midiáticos. A verdade falou na contradição. A máscara caiu! O discurso cínico característico do espaço político-midiático, assim, é denunciado através do ato falho.

Propus-me, neste trabalho, o desafio de proceder a uma leitura do funcionamento de enunciados político-midiáticos, produzidos na atualidade brasileira, com vistas a identificar processos discursivos de falsificação da palavra que sonegam ou excluem a "a verdade" e resultam num engodo perverso, cuja ordem é a do cinismo manifestado em posições tomadas, mas não assumidas. No percurso de reflexão, também recuperei a o conceito de "kynicism" que diz respeito à utilização da ironia e do sarcasmo para criticar a ideologia oficial mediante elementos da materialidade que causam estranhamento. Interessante notar que tanto nos atos falhos quanto no "kynicism" ocorre o estranhamento, só que, nesse último, o estranhamento liga-se à apreensão pelo sujeito do processo significativa de interpelação-identificação, portanto, há controle<sup>2</sup> e, no primeiro caso, liga-se à "estupidez", ao (des)conhecimento das determinações sócio-históricas<sup>3</sup> que se encontram latentes no inconsciente e emergem na fala sem o "controle" do sujeito. Levando em consideração a dupla articulação, histórica e psicanalítica, utilizada nesta reflexão, pode-se pensar o funcionamento do ato falho como sintoma do cinismo<sup>4</sup>, em razão de a fratura provocada por ele na linearidade do dizer servir de suporte significativa que denuncia a verdade do sujeito do inconsciente e simultaneamente expõe a falsidade constituinte do discurso cínico aqui analisado.

## **Referências**

DIÁRIO DO CENTRO DO MUNDO. Comentarista da Globo demitida sem aviso prévio dizia que a reforma trabalhista "melhoraria a relação entre funcionários e empregadores". Disponível em: <<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/>>. Acesso em 03 mar. de 2018.

DUNKER, Christian. *Autocorretor vale como ato falho?* Falando nisso 123. Disponível em: <<https://www.youtube.com/>>. Acesso em 19 mai. de 2018.

---

<sup>2</sup> Refiro-me ao esquecimento nº 2 de que trata Pêcheux, concernente à ilusão referencial. Essa ilusão diz respeito à concepção de relação direta entre pensamento, linguagem e mundo, produzindo no sujeito a ilusão de que domina a forma e o modo de seu dizer.

<sup>3</sup> Parece-me que as determinações sócio-históricas não se encontram apartadas dos afetos e, conseqüentemente, relacionam-se às pulsões, conceito psicanalítico que se estrutura de acordo com a transformação de pressupostos biológicos graças a um ordenamento simbólico.

<sup>4</sup> O emprego do termo "sintoma", neste trabalho, deve-se à intervenção de minha colega Luciana Vinhas, que divide comigo a coordenação do LEAD/ Laboratório de Estudos em Análise de Discurso (UFPEL).

FINK, Bruce. *O sujeito lacaniano*. Entre a linguagem e o gozo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LAERTE, Coutinho. *Olha mãe*. Revista GGN. Disponível em: <<https://jornalgggn.com.br/>>. Acesso em junho de 2017.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso*. Uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso*. Estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1990.

REDE BRASIL ATUAL. Aécio comete dois atos falhos e diz que PSDB é o principal partido de oposição ao Brasil. Disponível em <<http://www.redebrasil.com.br/>>. Acesso em 07 jul. 2016.

SINTRAM. *Sindicato dos servidores municipais (PB)*. Jornalista da Globo pede desculpas por dizer que recessão e desemprego devolveram poder de compra aos brasileiros. Disponível em: <<http://sintramjp.com.br/>> Acesso em 20 de abril de 2017.

ŽIŽEK, Slavoj. O espectro da ideologia. In: ŽIŽEK, Slavoj (Org.). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

Recebido em: 01/09/2018

Aceito em: 10/11/2018